- **ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS**
  **Dia 29 - Local: telão - 14:00-18:00**
  **Coordenador(a):** *Sidney da Silva Facundes*

**A CLASSIFICAÇÃO DA LÍNGUA AKUNTSU**

*Nilson Gabas Jr. (Museu Goeldi)*

Neste trabalho pretende-se mostrar que a língua dos índios isolados do Igarapé Omerê Rondônia), contactados em 1995 pela equipe de Índios Isolados da Funai, e denominados como Akuntsu por um outro grupo de índios isolados Kanoê, habitantes da mesma área, é uma língua distinta pertencente à família Tuparí do tronco Tupí.

O trabalho se baseia na coleta de uma lista de palavras feita por este autor com um dos índios isolados , em situação de monolingüismo, na Frente de Contato Omerê. A análise inicial das palavras contidas nesta lista possibilitou concluir que a língua em questão é uma língua do tronco Tupí, provavelmente da família Tuparí.

A análise posterior, feita através da comparação da mesma lista com listas de palavras das outras línguas que compõem a família Tuparí - o Tuparí, o Mekéns, o Makurap e o Ayuru - permitiu concluir que se trata claramente de uma língua da família Tuparí, distinta de todas as outras, exceto talvez o Mekéns.

A presença de grandes semelhanças entre palavras Akuntsu e Mekéns poderia, inicialmente, pôr em dúvida a classificação do Akuntsu como língua distinta (talvez um dialeto do Mekéns).

Entretanto, conforme será mostrado, a ocorrência de diferenças (mínimas) entre sons em palavras nas duas línguas possibilitou a diferenciação entre as mesmas como línguas distintas. Tal diferenciação foi decisivamente comprovada a partir da ida de um índio falante de Mekéns (e bilíngüe em português) à Frente de Contato Omerê, com o intuito de verificar o grau de inteligibilidade mútua entre as línguas. Ficou constatado, pela averiguação do encontro entre o índio Mekéns com índios Akuntsu, que se tratavam de línguas genuinamente distintas, pois a inteligibilidade mútua não foi possível.

## ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DE NASALIDADE ESPONTÂNEA EM ARUÁK

*Sidney da Silva Facundes (UFPA), Sidi Facundes (UFPA)*

Alguns estudos (Facundes 2000, 2002) sobre a língua Apurinã (Aruák) indicam existir uma relação entre quantidade vocálica, ditongos, a queda da consoante fricativa glotal ([h]) e o surgimento de vogais nasais nessa língua. Investigações mais recentes examinaram a significância dessa descoberta para o conhecimento do desenvolvimento histórico de proto-Aruák. Os resultados dessas investigações permitiram a elaboração de algumas hipóteses, as quais serão apresentadas e justificadas. Alguns dados a serem apresentados ilustrarão casos em que a ocorrência de duas vogais adjacentes em Apurinã provoca a nasalização das vogais. Outros dados demonstrarão que palavras iniciadas por [h] perdem essa consoante quando prefixadas, e que essa perda é acompanhada da nasalização vocálica. Embora esse segundo processo possa ser descrito em termos de regras seqüenciais que permitiriam descartar qualquer relação entre nasalidade e [h], dados de outras línguas aruák indicam existir de fato uma relação, ao menos histórica, entre [h] e a nasalização de vogais.

## ASPECTOS DIACRÔNICOS DO ABLAUT EM KARÍB

*Sérgio Meira de Santa Cruz Oliveira*

Na grande maioria das línguas da família Karíb, existe um tipo de alternância vocálica no início de certas raízes (verbais, nominais, posposicionais) que leva à existência sincrônica de duas formas, usadas em partes diferentes dos paradigmas respectivos (por exemplo, em Katxuyana, a raiz verbal para 'ver' é, em certas formas, /one/ -- p.ex. /k-one-wï/ 'eu te vi' --, e, em outras formas, /ene/ -- p.ex. /w-ene-wï/ 'eu o vi'. Uma comparação da situação sincrônica em várias línguas da família sugere a existência de três (ou talvez quatro) padrões diferentes, baseados na distribuição das formas nos paradigmas das raízes.

O presente trabalho, baseado em trabalho colaborativo (S.Meira, S.Gildea, B.Hoff, M.C.Mattei-Muller) descreve uma possível hipótese diacrônica sobre a origem e o desenvolvimento destes padrões na família Karíb.

## CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA MONDÉ

*Denny Moore*

Pesquisas recentes possibilitam a classificação interna da família lingüística Mondé, do tronco Tupi. Esta família contém três línguas: Surui de Rondônia, Mondé (Salamay) e uma terceira

língua composta dos quatro dialetos a) Gavião de Rondônia, b) Zoró, c) Cinta Larga e d) Aruá. A classificação interna tem como base principal as correspondências de som entre os dialetos e as línguas da família, suplementadas por critérios lexicais. A análise comparativa mostrará que o tom, o prolongamento vocálico e a nasalidade variam entre as línguas e os dialetos de maneira interessante.

**ELEMENTOS PARA A RECONSTRUÇÃO DO PADRÃO DE MARCAÇÃO PESSOAL EM PROTO-MACRO-JÊ**

*Eduardo Rivail Ribeiro (UFG)*

Estudos recentes apontam várias evidências morfológicas para o relacionamento genético entre os supostos componentes do tronco Macro-Jê, incluindo semelhanças entre os morfemas marcadores de pessoa (Rodrigues 1986), a existência dos chamados prefixos relacionais (Rodrigues 1994, 2000) e a existência de marcadores de posse indireta (Rodrigues 1992) em várias línguas do tronco. Estes estudos, no entanto, padecem de dois problemas que tornam as evidências menos convincentes: (i) raramente se oferecem correspondências fonológicas e lexicais que corroborem as evidências morfológicas; (ii) tais estudos se caracterizam por uma abordagem fragmentária, de tal forma que categorias que são claramente relacionadas paradigmaticamente (como os três exemplos mencionados acima — marcação de pessoa, prefixos relacionais e marcadores de posse indireta) são geralmente tratadas isoladamente.

Integrando os três tipos de evidências morfológicas mencionados acima (corroboradas, sempre que possível, por evidências lexicais), o presente estudo propõe uma reconstrução do padrão de marcação pessoal em Proto-Macro-Jê, com base principalmente em dados das famílias Jê, Karajá, Ofayé, Krenák, Kariri e Maxakalí. Além de descrever as características do padrão de marcação pessoal em Proto-Macro-Jê (compartilhado, aparentemente, por nomes, verbos e posposições), este estudo analisa os processos diacrônicos que teriam contribuído para obscurecer (ou eliminar) tal padrão nas línguas atuais — incluindo processos fonológicos (como em Kayapó, onde a consoante do prefixo de terceira pessoa se torna zero), morfológicos (como a reanálise de antigos prefixos, em Kaingáng, como parte da raiz) e tipológico-gramaticais (como a gradual eliminação da distinção entre nomes obrigatoriamente possuídos e opcionalmente possuíveis em Karajá). Por fim, um provável cenário para a origem dos prefixos relacionais em Macro-Jê, envolvendo processos de sândi entre raízes começadas por vogal e seus determinantes, será brevemente discutido.

**ERGATIVIDADE CINDIDA EM QUATRO LÍNGUAS JÊ: TIMBIRA, APINAJÉ, KAYAPÓ E SUYÁ**

*Flávia de Castro Alves (UNICAMP)*

A família lingüística Jê atual compreende as seguintes línguas (primeiro o nome da língua e, entre parênteses, as suas variantes (fonte Aryon Rodrigues: 1986)): Akwén (Xakriabá, Xavante, Xerente), Apinajé, Kaingáng (Kaingáng do Paraná, Kaingáng Central, Kaingáng do Sudoeste, Kaingáng do Sudeste), Kayapó (Gorotíre, Kararaô, Kokraimoro, Kubenkrankegn, Menkrangnoti,

Mentuktíre, Xikrín), Panará, Suyá (Suyá, Tapayúna), Timbira (Apãniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatejê, Pykobjê, Krenjê, Krinkati), Xokléng.

É possível reconhecer dentro dessa família o subgrupo Apinajé - Kayapó - Suyá - Timbira. O indicativo de que essas quatro línguas têm uma origem comum, o que poderia ser reconstruído nos termos do Proto Apinajé-Kayapó-Suyá-Timbira, é o fato de essas línguas compartilharem muitas propriedades morfossintáticas, inclusive no que diz respeito à morfologia ergativa. No entanto, quanto ao fator que desencadeia o sistema ergativo, nota-se uma outra divisão: de um lado Apinajé, Kayapó e Suyá, onde a ergatividade é limitada a certos contextos de subordinação (relativização no Apinajé (C.C.Oliveira: 2003) e verbos etimologicamente complemento no Kayapó e Suyá; do outro lado o Timbira, onde o sistema ergativo é condicionado pelo tempo passado simples da oração independente (Alves: 2003). Importante notar que também em orações com verbos auxiliares (verbos complement-taking antes da reanálise), o Timbira opera num padrão de marcação de caso Nominativo-Absolutivo, com as características da parte absolutiva fortemente relacionadas com a marcação absolutiva nas outras três línguas.

O objetivo desta comunicação será apresentar a análise que justifica as informações acima, feita a partir dos dados do Apinajé (C.C.Oliveira: 2003), Kayapó (M.A.Reis Silva: 2001), Suyá (L.C.Santos: 1997) e de três variantes do Timbira, Apãniekrá (F.C.Alves: 2004 (em andamento)), Parkatejê (M.N.O.Ferreira: 2003) e Pykobjê (R.M.Sá Amado: 2003).

**MUDANÇAS CONSONANTAIS EM XIPAYA (TUPÍ)**

*Carmen Lúcia Reis Rodrigues (UFPA)*

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas mudanças consonantais em Xipaya (família Juruna, tronco Tupí), considerando-se dois períodos de registro da língua. O primeiro período diz respeito ao material coletado por Curt Nimuendaju, entre 1916 a 1919, e o segundo período compreende o corpus coletado a partir de 1988. Os dados serão analisados, com base nos princípios da lingüística histórica sobre mudanças sonoras nas línguas, tendo-se em vista a comparação entre os dados lexicais registrados por Curt Nimuendaju e os dados correspondentes coletados nas últimas duas décadas.

**PRESSUPOSICIONALIDADE E ERGATIVIDADE CINDIDA**

*Maria Filomena Spatti Sandalo (UNICAMP)*

Este trabalho tenta mostrar que vários fenômenos relacionados a uma hierarquia de argumentos (e.g. 213)podem ser explicados através da hipótese de mapeamento (Mapping Hypothesis, Diesing 1992). Este trabalho traz dados de várias línguas, mas concentra-se na voz inversa da língua kadiweu (morfema relacional segundo a literatura indigenista brasileira) e suas implicações para o sistema de caso desta língua. Kadiwéu é uma língua da família Guaikurú falada no Mato Grosso do Sul.